

## **Ficcionalizando o real, realizando a ficção: romance e representação em Ruy Duarte de Carvalho e Mia Couto**

Sueli da Silva Saraiva  
USP/CNPQ

### **Resumo:**

*Neste trabalho abordamos comparativamente o gênero romance no âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, tomando como exemplos as obras: Os papéis do inglês (2000), do angolano Ruy Duarte de Carvalho, e O último voo do flamingo (2000), do moçambicano Mia Couto. Ao fazerem convergir para a escrita literária os ecos da realidade social que dá corpo à escrita, denunciando um estado de coisas conflituoso, as obras provocam a crítica apegada aos enquadramentos canônico-formais, desafiando os apocalípticos da representação realista na ficção. É nosso interesse colocar tais narrativas em diálogo, principalmente com a proposta de Tânia Pellegrini, que observa um revigoramento do realismo na literatura contemporânea.*

**Palavras-chave:** Ruy Duarte de Carvalho, Mia Couto, romance africano contemporâneo, realismo.

*O ato poético é um elemento de conhecimento do real.*

Édouard Glissant

### **Introdução**

Na gênese de toda narrativa está a “tensão entre o escritor e a sociedade”, já afirmava Lucien Goldman nos anos de 1960.<sup>1</sup> Colocando essa expressão em diálogo com o texto de Tânia Pellegrini, “Realismo: a persistência de um mundo hostil” (2009)<sup>2</sup>, propomos uma breve reflexão sobre ficção e realismo em Angola e Moçambique, hoje.

Em sua tese sobre a persistência do *realismo* na contemporaneidade, Pellegrini argumenta que o conceito é “um modo de compreensão estética do mundo social, que o representa em

---

<sup>1</sup> Apud Bosi, Alfredo. *História Concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix. 1994, p. 390.

<sup>2</sup> Revista ABRALIC. N. 14, 2009. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/revista/2009/14>. Acesso em 10 de março de 2011.

profundidade, e não uma forma de representação presa apenas a aspectos aparentes ou possibilidades dadas pela linguagem em si” (p. 33), e, argumentando de forma extensa e ponderada, propõe que “não se pode pretender encontrar realidades sociais refletidas diretamente na arte, pois estas passam por um processo de mediação, de refração [...] no qual seu conteúdo é modificado, o que envolve, inclusive questões ideológicas e políticas” (p. 22). Em outras palavras, o realismo

esteticamente opera, ao longo da história, uma **refração da realidade** e não uma ‘cópia’, uma ‘imitação’ ou mesmo uma ‘interpretação’, o que permite entender sua continuidade como corolário da persistência do mesmo ‘mundo hostil’ que lhe deu origem (p. 13-14, grifo da autora).

## O longo adeus ao realismo

Em ensaio intitulado “O longo adeus à literatura”,<sup>3</sup> Leyla Perrone-Moisés provoca os apocalípticos da literatura: “A literatura acabou. Pelo menos, é o que foi anunciado há mais de um século e tem sido repetido desde então, com uma insistência cansativa”. Em prol desta arte, a crítica apresenta, entre outros argumentos, o fato de que “[...] nenhum teórico jamais conseguiu definir exatamente o que é (ou não é) literatura”; e reflete sobre a persistência do literário:

O que aconteceu? A situação em que se encontra hoje a literatura não é a de uma ruptura [...]. Não se trata de uma simples oposição ao que havia antes. Boa parte da literatura atual vive da referência àquela que a precedeu, a da modernidade, que nela sobrevive na forma de citação, alusão, pastiche ou intertextualidade. Sua própria designação, literatura pós-moderna, a amarra à anterior. É uma literatura póstuma, uma literatura do adeus.

“Póstuma”, mas perene literatura. É nesse tom que a ensaísta encerra o texto. O paralelo entre essa reflexão de Leyla Perrone-Moisés e aquela levantada por Tânia Pellegrini acerca do realismo é irresistível. Muitos têm sido os teóricos a pregar a impossibilidade ou a morte do realismo na literatura e no romance. No entanto, as variadas formas narrativas desde o pós-Guerra têm demonstrado um renovado vigor na “representação” de um mundo pós-hecatombe e “pós-tudo”. E o realismo praticado na contemporaneidade sobrevive e apresenta, assim como a própria literatura, uma renovada continuidade com os momentos que o precedeu. De tal modo, o realismo “como corolário da persistência do mesmo ‘mundo hostil’ que lhe deu origem”, no limite, justificaria a persistência do próprio objeto que o contém: a literatura.

Antes de adentrarmos a seara das literaturas contemporaneamente realistas de Angola e Moçambique, façamos um parêntese para o realismo oitocentista com um exemplo brasileiro que, ao meu ver, ilustra bem os pontos levantados por Pellegrini: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), romance consagrado pela historiografia como a primeira obra “realista” brasileira. Ora, nada mais “fantástico” e irreal para a escola realista do que uma “obra de finado” composta de memorações proferidas “do outro mundo”. E ainda, numa debochada resposta ao espírito da época, o defunto autor machadiano explica que todo o “processo extraordinário” empregado na composição além-túmulo seria passível de explicação, se ele a quisesse dar. Contudo, ele prefere não se estender em elucubrações inúteis, alega, dizendo:

---

<sup>3</sup>Jornal *Folha de S.Paulo*, 10 de julho de 2011. *Ilustríssima*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/941210-o-longo-adeus-a-literatura.shtml>. Acesso em 10.07.2011.

Seria curioso, mas nimamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. **A obra em si mesma é tudo:** se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus (Grifo meu).<sup>4</sup>

“A obra em si mesma é tudo”. E foi esse “tudo” que a crítica machadiana celebrou como um dos mais contundentes painéis críticos da realidade brasileira do século XIX, daí o seu caráter “fantasticamente realista”. O próprio Machado de Assis, no prólogo da terceira edição de *Memórias*, oferece a chave que daria acesso à sua engenhosidade literária:

Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, **um sentimento amargo e áspero**, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter lavores de igual escola, mas **leva outro vinho**. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se **pintou a si e a outros**, conforme lhe pareceu melhor e mais certo (Grifos meus).<sup>5</sup>

Hoje sabemos, pela sua fortuna crítica, qual era o “sentimento amargo e áspero” que nada tinha a ver com a forma aprendida numa ou noutra escola literária, mas sim com o conteúdo advindo de uma sociedade de “ideias fora do lugar” no dizer de Roberto Schwarz.

Machado de Assis, poderíamos dizer com Pellegrini, “refratou” de tal modo a realidade brasileira em *Memórias* que somente em meados do século XX os estudiosos conseguiram captar, de fato, a profunda crítica social subjacente à sua escrita.

## O romance além da ficção

Essa breve retomada da obra machadiana serve-nos de ponto de partida para refletir sobre a “persistência do realismo”, neste século, em obras como a do moçambicano Mia Couto – sem qualquer pretensão de comparação, a não ser a possibilidade de que ambos encontraram de representar profundamente a realidade de suas sociedades em textos que pouco teriam a ver com os pressupostos da “escola realista”.

Mia Couto é um escritor atento às intempéries sociais que não se dissiparam com o fim do colonialismo português em Moçambique, em 1975. Suas intervenções públicas (palestras, entrevistas etc.) revelam sua preocupação com os rumos tomados pelo país nessas três décadas e meia de independência. Tal crítica extrapola o plano do engajamento intelectual e impregna a sua obra de ficção, como se pode ver em *O último voo do flamingo* (2000), romance cujo enredo se desenrola em torno de insólitos (ou “fantásticos”) acontecimentos envolvendo os soldados da ONU enviados à Tizangara (alegoria de Moçambique) no início do anos 1990 para acompanhar o processo de paz, ao término de 16 anos de guerra civil (1975-1992). O próprio Mia Couto confessa sua intenção crítica na elaboração do romance:

*O último voo do flamingo* fala de uma perversa fabricação de ausência — a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos. O avanço desses comedores de nações obriga-nos a nós, escritores, a um crescente empenho moral.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Assis, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1985, p. 512.

<sup>5</sup> Ibid., p. 513.

<sup>6</sup> “Palavras proferidas por Mia Couto na entrega do Prémio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12

O escritor fala aqui do movimento frenético da atual etapa histórica de seu país. Uma era em que, no plano internacional do capitalismo, persistem as relações desiguais entre a África e seus “parceiros” ao redor do mundo, e, no plano doméstico, persiste a miséria da maioria da população desassistida como pano de fundo para a riqueza exorbitante de um restrito grupo de privilegiados.

Se, no plano do conteúdo, o enredo recupera elementos de uma realidade empírica verificável, no plano formal destaca-se a figura do narrador em primeira pessoa no papel de enunciador dessa realidade. Ao identificar-se no “Prólogo” como o “Tradutor de Tizangara”, o narrador, mais do que informar sua função no enredo (o intérprete do oficial da ONU), se propõe a ser aquele que procura “traduzir” para o leitor o sentido daquela realidade ou, para usar a terminologia de Pellegrini, ele será o facilitador no processo de “refração”. O narrador dialoga com o leitor no prólogo, esforçando-se para convencê-lo da realidade do que será narrado, argumentando ter “assistido a tudo”, “ouvido confissões” e “lido depoimentos”, enfim, estaria amparado em elementos testemunhais e factuais: “Fui eu que transcrevi, em português visível, as falas que daqui se seguem. [...] Assisti a tudo o que aqui se divulga, ouvi confissões, li depoimentos. Coloquei tudo no papel por mando de minha consciência”. Como Brás Cubas, o narrador-tradutor de Mia Couto assume a autoria do livro e, de forma mais radical, avisa o leitor que somente com a sua “tradução” o real pode se tornar inteligível. Com essa figura, Mia Couto cria uma poderosa metáfora para o conceito de refração formulado por Pellegrini.

Por outro lado, Mia Couto, o autor de fato, expressa ainda de forma mais direta do que o fez Machado de Assis, um descontentamento, “um sentimento amargo e áspero” em relação ao tempo e espaço de sua experiência social. O que exigiu de Machado e continua a exigir de Mia Couto um “crescente empenho moral” na atividade de escrita. Recordando, com Tânia Pellegrini, que “toda realidade gera sua própria linguagem, determina suas estruturas e delineia procedimentos de escrita que lhe são próprios”,<sup>7</sup> podemos inferir que o texto de Mia Couto, com as singularidades de estilo, apresenta-se como um texto capaz de dar um sentido ao real através da ficção, que se *realiza* não pela cópia ou interpretação, mas pela tradução/refração instaurada na obra.

## Entre a realidade e o verbo: uma invenção completa

Se na obra de Mia Couto, o narrador é investido do papel de autor, assumindo a responsabilidade de mediar o diálogo entre *ficção e realidade*, na obra de outro autor africano, o angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), ele próprio, com os pés fincados no contexto real, assume tal papel mediano.

Ruy Duarte também inter-relaciona as reflexões sobre a contemporaneidade de seu país ao seu fazer literário, e tanto o contexto sócio-histórico quanto a sua experiência pessoal como antropólogo mergulhado na cultura dos povos interioranos de Angola transparecem na sua criação literária. Partindo sempre de experiências reais, resultados de pesquisas de campo e outras perambulações, a prosa de Ruy Duarte revela uma desconcertante fluidez entre ficção e realidade, um estilo de escrita que, nas palavras de Rita Chaves, vai “baralhando as fronteiras dos gêneros literários, desorienta a nossa tentação de catalogar o que a sua imaginação capta da realidade e plasma no domínio do verbo”.<sup>8</sup>

Contudo, em nota explicativa junto ao título e subtítulo da obra *Os papéis do inglês – ou O*

---

de junho de 2001”. In: *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 224.

<sup>7</sup> Pellegrini, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*. São Carlos: Ed. UFScar/Mercado Letras, 1996, p. 21.

<sup>8</sup> Chaves, Rita. Ruy Duarte de Carvalho: o cacto e sua água implícita. Disponível: <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/ruy-duarte-de-carvalho-o-cacto-e-sua-agua-implicita>. Acesso em 30 de junho de 2011.

*ganguela do coice* (2000), Ruy Duarte deixa entrever a possibilidade de considerar este texto como um trabalho de “ficção” e, quiçá, um romance ensaiado. Ele diz: “Narrativa breve e feita agora (1999/2000) da **invenção completa** da estória de um inglês que em 1923 se suicidou no Kwando depois de ter morto tudo à sua volta segundo uma sucinta crônica de Henrique Galvão” (grifo meu).

A expressão “invenção completa” deixa margem à ambiguidade. Primeiro, Ruy Duarte poderia estar antecipando ao leitor que aquilo que será narrado é a *sua* “invenção completa”, a recriação inventiva de um relato captado de um relato não-ficcional (crônica). Segundo, ele estaria sugerindo que o próprio registro factual é uma invenção, mas uma “invenção incompleta”, pois, além da versão contada por Henrique Galvão ser conflitante com outro registro encontrado pelo autor, o gênero usado por Galvão (crônica) não permite a minúcia narrativa cabível somente à prosa longa, ou seja, ao romance. Além disso, a história em si não seria interessante o bastante para ser narrada, exceto pela veia imaginativa de um criador de ficção:

À própria estória, a do Galvão, acabaria por bastar a meia dúzia de minutos que levo a contá-la quando a resumo a alguém, mesmo se lhe acrescento, como afinal sempre vem a acontecer, o comentário de que ela detém sem dúvida **um potencial dramático digno de uma peça literária acabada, a sério**, ou de um filme (p. 15, grifos meus).

Mas, a intrincada construção de *Os papéis do inglês* já deixa entrever essa “peça literária acabada, a sério”, pois enquanto busca os tais papéis, que poderiam desvendar o mistério da morte do inglês, Ruy Duarte vai dando a entender que está juntando pedaços e apenas “ensaiando” escrever uma ficção; mas ele não somente revela como seria o enredo, a caracterização das personagens, espaços, tempos etc., como cria situações e ações que comporiam a sua futura obra. Enfim, Ruy Duarte faz o que diz que não iria fazer, retomando uma estratégia recorrente nos textos de Machado, de alto valor crítico.

## Conclusão

A obra de Mia Couto, em Moçambique, e a de Ruy Duarte de Carvalho, em Angola, são, ao nosso ver, narrativas de duplo mérito: provocam a crítica apegada aos enquadramentos canônico-formais, e desafiam os coveiros da representação realista na ficção. Ambos os escritores buscam um modo de compreender e representar esteticamente e em profundidade o seu mundo social. Enquanto Mia Couto, com *O último voo do flamingo*, vocifera contra um estado de coisas hostil em Moçambique, elaborando uma prosa poética de denúncia e um romance que se transforma em virtude do contexto em que está inserido, Ruy Duarte de Carvalho, com *Os papéis do inglês*, exercita uma prosa (igualmente com sabor de poesia) em que ao negar-lhe o estatuto de ficção ou romance, na verdade apresenta-se como um perspicaz mediador do processo de “refração” de uma certa realidade que, ao se transpor para a escrita, oferece um amplo campo de interpretações sobre o gênero romance na contemporaneidade.

## Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1985.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Os papéis do inglês**: ou o gangue do coice. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHAVES, Rita. Ruy Duarte de Carvalho: o cacto e sua água implícita. Disponível:

<http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/ruy-duarte-de-carvalho-o-cacto-e-sua-agua-implicita>.

COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. In: Revista ABRALIC. N. 14, 2009. Disponível: <http://www.abralic.org.br/revista/2009/14>. Acesso em 10 de março de 2011.

\_\_\_\_\_. **Gavetas vazias**: ficção e política nos anos 70. São Carlos: Ed. UFScar/Mercado Letras, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O longo adeus à literatura. Folha de S.Paulo, 10 de julho de 2011. Ilustríssima. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/941210-o-longo-adeus-a-literatura.shtml>.